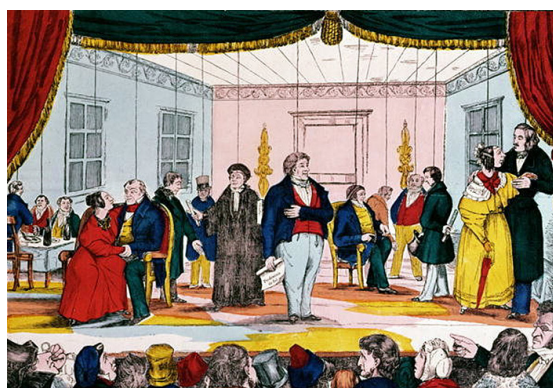


Guerra e paz¹ em La Soledad



332

Lucas Ospina²

Em Bogotá, no bairro La Soledad, em um casarão de vários andares que foi dividido para fazer uma dúzia de apartamentos, há uma discussão entre a síndica do prédio, os proprietários e um dos donos.

Cada apartamento deve contribuir com uma parcela de um milhão e meio de pesos para raspar, rebocar e pintar a fachada e as áreas comuns do imóvel. Há consenso sobre a cor da tinta, não tanto sobre a necessidade de fazê-lo. Os que já não moram na região e veem sua vida

1 Este texto foi publicado por primeira vez em *La sillavacia*, em 13 de agosto de 2014.

2 Tradução de Luz Adriana Sánchez Segura. Agradeço a generosa revisão de Larissa Costa da Mata.

ali como uma aventura passageira, que depois se tornou investimento mercantil, consideram primordial o embelezamento do prédio visando a uma venda próxima, antes que baixe a maré especulativa que inunda o setor imobiliário e eleva os preços de tudo na capital do país. Os que moram no casarão somam à valorização a ideia de levar uma vida mais estética, querem aproveitar o novo renascimento que vive o seu bairro, agora convertido em um enclave da “boêmia boutique” típica de qualquer cidade cosmopolita (a algumas quadras acabam de abrir um restaurante de Sushi e uma loja exclusiva de produtos orgânicos, vinhos e livros de contos infantis).

333



Só um dos proprietários que mora no casarão se opôs à iniciativa, argumenta concordar com o ato pictórico, mas solicita adiá-lo e dedicar os recursos do décimo terceiro para cancelar primeiro as prestações sociais de um casal que trabalha na portaria há mais de 15 anos. A quantia que se pensa coletar para a pintura é um pouco inferior ao que se deve ao casal. A síndica do prédio, representantede vários dos proprietários não residentes, assim como o resto dos vizinhos proprietários dizem que esse pagamento virá quando for o momento, depois de outros consertos e modernizações.

O casal de porteiros mora em um quarto pequeno, com tão pouca fortuna no *design* que a única janela dá para um muro, não tem aquecedor de água e usam como fogão um fogareiro duplo que instalaram ao lado do cantinho do tanque onde lavam os panos. A porta do seu quarto dá para as garagens e ambos os porteiros alternam-se para tirar e pôr os cadeados internos toda vez que, de hora em hora, de domingo a do-

mingo, entra um carro, seja de proprietário ou visitante. Um pouco da fumaça dessas máquinas entra no quarto toda vez que abrem os portões.

No casarão mora um ator que atua em obras de teatro libertárias, tem uma modesta escola de teatro e há pouco tem viajado, com um contrato do governo, para as zonas de conflito do país para fazer oficinas com grupos de pessoas que sofreram eventos violentos. Há também um par de professores universitários permanentes, dois funcionários do Estado em cargos culturais e outro é fundador de uma ONG. Todos, graças a seus trabalhos conhecem a palavra “pós-conflito” e lhe dão, às vezes, um uso retórico ou executivo em conversas, aulas, apresentações e documentos oficiais.

334

Na última reunião do condomínio, todos os proprietários residentes assistiram e foram corretos com o vizinho proprietário opositor que, quando foi o momento, insistiu em concordar com a pintura, mas só depois de pagar a dívida aos porteiros. Foram 11 votos contra 1 e, finalmente, a administradora da imobiliária, empoderada pois tinha o poder de vários dos proprietários, teve o prazer de fazer na ata do encontro um rabisco vago e nominal, como únicaprova do voto contra.

Os porteiros do prédio querem ir embora e abrir uma loja com um parente num bairro do sudoeste da cidade e precisam do dinheiro da dívida para começar essa nova vida, mas temem que uma briga com os proprietários traga problemas. Sabem que a lei de certo modo os protege, mas temem que tudo se alongue e complique, eles nunca assinaram um contrato pelo serviço que prestam e, caso haja um pagamento pela via judicial, desconfiam que algum leguleio possa roubá-los ou enrolar parte ou todo o dinheiro e fiquem sem o pão e sem o teto.

Nesse bairro, em La Soledad, nas eleições passadas para presidente, em muitos postos ganhou o voto pela “paz”. Entre os vizinhos proprietários do casarão ninguém fez muito alarde da campanha e ninguém colou cartazes na janela ou nos carros e, muito menos, usou camisetas de apoio ao seu candidato, mas todos, como classe média alta bogotana que lê imprensa civilista e colunas heterodoxas de opinião, votaram com relutância em Juan Manuel Santos, afinal era ele quem prometia não se levantar da mesa de negociações em La Habana de que participam os guerrilheiros da franquia das Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia.



O vizinho proprietário opositor que quer pagar as prestações dos porteiros teve um irmão sequestrado por 5 meses há mais de 10 anos. Foi levado por delinquentes comuns e depois foi vendido à guerrilha. Foi sequestrado no sítio de uns primos que cultivavam palma, quando fazia ali um estágio de seu curso universitário de agronomia. No sítio só havia centenas de hectares de palma, uma casa rústica e simples onde ficavam uma ou duas noites por mês os donos do terreno e faziam uso esporádico dos banheiros, das camas, do televisor e do leitor de DVD. O casal de empregados que fazia e servia a comida e fazia a manutenção da casa, vivia com os seus filhos a uns cem metros, em uma palafita com chão de terra, água do poço e uma latrina. Quando liberaram o irmão, depois de negociar e fazer um pagamento, ocorreu ao vizinho proprietário opositor pensar que havia uma relação entre o sequestro do seu irmão, a sua família cultivadora de palma e a pobreza dos cuidadores do sítio. Claro, uma relação além das suspeitas evidentes da polícia, que indagou entre todos os empregados do sítio e não achou nenhuma suspeita, mesmo que depois do sequestro os donos não tenham voltado, demitiram o pessoal

e ordenaram tirar as paredes da palafita para guardar ali um novo trator de segunda mão.

O vizinho proprietário opositor hoje tenta ver uma relação parecida entre os seus vizinhos de La Soledad, os porteiros e as contingências da guerra e a paz, contudo, mais forte do que essa inquietação culposa de tipo intelectual é a raiva resignada que sente toda vez que vê como essas duas pessoas seguem fazendo o seu trabalho com dedicação, como se no casarão de La Soledad não acontecesse nada.

